

NOTA TÉCNICA

Assunto: Dessecação Pré-Colheita da Cultura do Feijão - Tecnologias e Desafios

O feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) é um alimento básico da população brasileira, sendo o consumo médio por pessoa de 15,3 quilos por ano. Originário da América, o feijão é a principal leguminosa comestível em todo o mundo e cultivado por pequenos e grandes produtores em praticamente todos os Estados da Federação. Na safra de 2020/21, conforme dados da CONAB, a produção nacional de feijão foi de 2,25 milhões de toneladas. O Estado do Paraná liderou a produção com 23,7% do total produzido, seguido por Minas Gerais (23,1%), Goiás (15%), Mato Grosso (9%) e São Paulo (7,7%). No Paraná, predomina a participação da agricultura familiar na produção, compondo a renda com outras atividades nas propriedades rurais.

Para que o agricultor alcance altas produtividades e ofereça um produto com elevada qualidade culinária e seguro para o consumidor, além das boas práticas agrícolas, tais como o uso de sementes produzidas dentro do sistema de certificação, variedades adaptadas as regiões produtoras, fertilização correta do solo, manejo adequado do solo e da água e manejo integrado de pragas e doenças, é importante também o correto manejo da cultura no momento da colheita.

Antes de realizar a colheita, o agricultor pode ou não optar pela dessecação da lavoura. Quando não é feita a dessecação, o agricultor economiza uma operação, o que resulta em menor utilização de agrotóxicos e recursos financeiros. Por outro lado, a utilização do dessecante proporciona uniformidade de maturação da lavoura para a colheita, além de permitir o escalonamento e a antecipação da colheita quando há previsões de chuvas excessivas. Em condições de temperatura muito elevada, deve-se atentar para que a dessecação não resulte em colheita dos grãos com umidade muito baixa, pois pode acarretar quebra dos grãos e diminuição da qualidade do produto, seja este para consumo ou produção de semente.

Caso o agricultor opte pela dessecação da lavoura alguns cuidados são fundamentais:

1. Utilização de produtos, com registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA e com cadastro na Agência de Defesa Agropecuária do Paraná - ADAPAR, específicos para dessecação da cultura do feijão. Estão disponíveis para dessecação da cultura do feijão no Paraná os seguintes princípios ativos: *dibrometo de diquate*, *glufosinato de amônio* e *saflufenacil*. Para maiores informações acesse o Sistema Agrofit ([clique aqui](#)) e o site da Adapar (Agrotóxicos Paraná [clique aqui](#)). Ressaltamos que não há herbicida registrado como dessecante com o ingrediente ativo *glifosato*, logo, o uso de produtos com este ingrediente estão proibidos e podem resultar em destruição de lavouras, inutilização do feijão colhido e multa.
2. O uso do dessecante no momento correto do estágio fenológico da cultura, na dosagem recomendada e respeitando o intervalo de carência indicados na bula do produto e receituário agrônomo emitido pelo Engenheiro Agrônomo, são fundamentais para a eficiência da prática e para que os grãos ou sementes não apresentem resíduo de agrotóxicos acima do Limite Máximo Permitido. Período de carência ou intervalo de segurança do produto é o número de dias que deve ser considerado entre a aplicação do agrotóxico e a colheita. A contaminação do feijão com resíduo acima do permitido compromete a produção, que poderá ser interditada pela fiscalização, além de outras sanções que o produtor poderá sofrer.
3. Momento adequado para a dessecação: maturação fisiológica da semente (grupo comercial carioca: listras das sementes aparecem perfeitamente delineadas e visíveis sobre o tegumento; grupo comercial preto: as sementes assumem coloração entre azul escura e preto), umidade dos

grãos entre 30 e 40%, antes da queda total das folhas e quando não há mais translocação de nutrientes para os grãos. Para maiores informações sobre a maturação fisiológica da cultura do feijão, [clique aqui](#). Deve-se observar algumas situações específicas de acordo com o produto utilizado, conforme recomendações descritas no receituário agrônomico e orientações da bula do produto.

4. Assistência técnica realizada por Engenheiro Agrônomo, devidamente registrado no Crea, que irá, dentre outras orientações, definir o melhor momento para realizar a dessecação. O profissional deverá emitir a Anotação de Responsabilidade Técnica – ART pelos serviços prestados. Caso o emissor do receituário não seja o responsável técnico pela cultura, deverá emitir ART específica para o receituário agrônomico. Os profissionais de agronomia devem prescrever receitas agrônomicas autorizando o uso de agrotóxicos somente nos casos de real necessidade de aplicação e após conhecimento do diagnóstico a campo. O acompanhamento por profissional habilitado traz a segurança do alimento para a população, proteção ao meio ambiente, além de buscar as melhores soluções ao produtor.
5. Tecnologia de aplicação: o uso de técnicas de aplicação adequadas são fundamentais para obter eficiência na dessecação, evitar a deriva sobre outras culturas e a contaminação do ambiente. Siga as recomendações do receituário agrônomico e da bula do produto. Utilize preferencialmente gotas maiores (pois tem menor risco de deriva) dando especial atenção para o tipo de ponta, pressão de pulverização, taxa de aplicação e altura da barra. Fique atento se as condições de velocidade do vento, umidade relativa do ar e temperatura são adequadas para pulverizar. Para maiores informações sobre tecnologia de aplicação de herbicidas [clique aqui](#). Os agricultores devem tomar muito cuidado no momento da aplicação para não gerar derivas do agrotóxico para as propriedades vizinhas, fato que tem ocorrido com frequência em determinadas regiões e causado grandes prejuízos aos produtores de culturas e criações sensíveis, tais como: produtores de frutíferas, hortaliças, criadores de bicho-da-seda, abelhas e animais, além da contaminação ambiental. Para maiores informações sobre eliminação de deriva [clique aqui](#).
6. Utilização do Equipamento de Proteção Individual (EPI). O uso do EPI é a única forma que o trabalhador do campo tem para prevenir intoxicações e acidentes que podem colocar sua vida em risco. Sua utilização é necessária em todas as etapas de uso dos agrotóxicos, desde o preparo da calda até a limpeza dos equipamentos de pulverização após as aplicações. A lavagem do EPI deve ser feita separadamente de outras roupas e quem for lavá-lo deve usar luvas.
7. Os agricultores, após a utilização dos agrotóxicos, conforme recomendações, prazo de vencimento e legislação, deverão realizar a devolução das embalagens vazias aos Postos de Recebimento dentro do prazo.

Equipe técnica:

Germano do Rosario F Kusdra – IDR-Paraná/SEAB

José dos Santos Neto – IDR-Paraná/SEAB

Karina Aline Alves – IDR-Paraná/SEAB

Renato Rezende Young Blood – ADAPAR/SEAB

João Miguel Toledo Tosato - ADAPAR/SEAB

Marcos Roberto Marcon – CREA

Cezar Augusto Pian - MAPA